

o Congresso vai falar.

Câmara e Senado) explicam hoje como funciona o Legislativo. Ontem não houve quorum.

Chegou o dia:

Em pleno horário nobre, Ulysses e Fragelli (presidentes de

Durante 30 minutos, exatamente dentro do horário nobre, os presidentes da Câmara, Ulysses Guimarães, e do Senado, José Fragelli, estarão hoje à noite discursando em cadeia de rádio e tevê. Ambos vão fazer a defesa do Congresso Nacional e tentar explicar as preocupações e atividades que impedem os parlamentares de comparecer às sessões em plenário. Ulysses, porém, preferiu não antecipar os pontos de seu pronunciamento: "Não sou Hitchcock, mas também gosto de suspense".

O programa foi editado ontem à tarde nos estúdios da Radiobrás. E houve muito cuidado na preparação: a fala de Ulysses, que durará 20 minutos, e a de Fragelli, que consumirá dez minutos, serão entremeadas com imagens sobre o funcionamento do plenário e das comissões técnicas do Congresso. Com isso, eles acreditam que o programa ficará movimentado e não vai cansar os telespectadores.

Apesar do suspense sobre os pronunciamentos, o senador Fragelli deu ontem uma amostra sobre o que vai falar esta noite, quando foi instalada a comissão interpartidária que vai reformular o capítulo da Constituição que trata do funcionamento e das prerrogativas do Legislativo. "Será preferível o Congresso ser fechado do que funcionar humilhado e sem poderes, submetido à pressões de regimes autoritários", desabafou Fragelli.

Ele parecia emocionado quando condenou a retirada das prerrogativas do Legislativo de controlar a política econômica. "Foi isso que levou o Brasil ao brutal endividamento externo", explicou. "Pressionando o Congresso, o Executivo conseguiu delegação de poderes que lhe permitem contrair empréstimos que atingiram, em valores corrigidos, 250 bilhões de dólares. E o decreto delegando esses poderes ainda está em vigor."

Ulysses e Fragelli convocaram os parlamentares a lutar pela recuperação das prerrogativas, "com votos de que nunca mais o Legislativo seja pressionado pelo autoritarismo". Para Ulysses, o capítulo da atual Constituição que trata do Poder Legislativo "na realidade trata do Poder Executivo, pois não diz o que o Legislativo pode fazer, mas o que não pode fazer".

A proposta de Ulysses para retomar essas prerrogativas perdidas tem um item que, segundo ele, é o principal: reforçar a soberania popular, "aproximando ainda mais o povo de seus representantes". Ulysses sugere o exame de dispositivo constitucional instituindo o referendo popular para as leis mais polêmicas: "Devolve-se ao povo a última palavra pelos seus destinos, através de um plebiscito".

Lembrando o que chamaram de "amar-gas lições dos últimos 20 anos", Ulysses e Fragelli ainda explicaram que a sociedade

não pode cobrar a inoperância do Legislativo, "pois a instituição teve seus poderes usurpados". "Vamos emancipar o Congresso", propôs Ulysses. "O Congresso, os deputados e senadores são vítimas. Agora vão ter a emancipação."

Dia do Congresso

A comissão interpartidária que fará os estudos para as alterações conta com 30 representantes — mais uma razoável quantidade de parlamentares a arranjar explicações para não comparecer às sessões em plenário. Exatamente por causa das ausências, o senador Fragelli foi obrigado ontem a cancelar a última das três sessões conjuntas do Congresso convocadas para a noite: apenas cinco parlamentares estavam presentes.

Na primeira sessão, aberta às 19 horas, apenas 23 deputados e seis senadores apareceram em plenário. Na segunda, iniciada às 19h30, restavam quatro senadores e 12 deputados. Não houve quorum para a votação da emenda constitucional que constava da pauta, apesar de todos os 69 senadores e de 356 deputados constarem da lista de presença. Mas todos foram contemplados com os dois jetons.

Na Câmara, a sessão ordinária foi aberta às 16 horas; compareceram 197 dos 273 deputados que constavam nas listas da Casa. No Senado, a sessão foi sonolenta; pedida verificação de quorum, o painel eletrônico indicou o comparecimento de 25 senadores em plenário. Resultado: na Câmara, a votação foi interrompida no terceiro dos 77 itens da pauta da ordem do dia. Nem mesmo Ulysses Guimarães votou. Pouco antes, ele passou a presidência da sessão a Humberto Souto (PFL-MG) e saiu do plenário.

Discussão

O líder do PMDB no Senado, Humberto Lucena, reassumiu ontem suas funções depois de alguns meses de licença para tratamento médico. Lucena fez um discurso em que destacou como ponto principal "os abusos e as injustiças cometidas contra o Legislativo". Criticou o que chamou de "excesso da crítica" e alertou para a necessidade de "não ir além dos limites das responsabilidades dos que controlam os meios de comunicação". Para uma platéia de apenas dez senadores, Lucena manifestou sua opinião de que o Congresso "não é melhor nem pior do que o povo que o elege". "É o retrato fiel de todas as aspirações da sociedade e assim há de ser entendido e respeitado".

Para o governador do Rio, Leonel Brizola, porém, essas críticas são "resultado de uma falta de sintonia entre as decisões e tendências em relação ao governo, sofrendo o Congresso os mesmos descaminhos da nova situação chamada de Nova República, que não vem assimilando a época e nem o que o povo brasileiro pensa".